



## LEVANTAMENTO E POTENCIAL DE USO DA FLORA DA TRILHA DO CACHOEIRÃO, GRAÇA, CEARÁ, BRASIL

---

Maria Erica Azevedo Silva<sup>1</sup>, Marlene Feliciano Figueiredo<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Biodiversidade Vegetal, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, Ceará, Brasil. mariaerica.as@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, Ceará, Brasil.

**Recebido em: 12/04/2014 – Aprovado em: 27/05/2014 – Publicado em: 01/07/2014**

---

### RESUMO

O Estado do Ceará apresenta um complexo vegetacional com predominância da Caatinga. Em serras dispersas na depressão sertaneja existem florestas úmidas, caracterizadas por composições florísticas e estruturas particulares. A Trilha do Cachoeirão está situada no Município de Graça, noroeste do Estado do Ceará. Este trabalho objetivou reconhecer a diversidade florística e as potencialidades de uso das espécies da Trilha do Cachoeirão, visando resgatar o conhecimento tradicional da flora. Para o levantamento florístico foram realizadas coletas de material botânico nos meses de fevereiro de 2012 a junho de 2013, seguindo técnicas usuais em taxonomia. O material coletado foi herborizado e incorporado ao acervo do Herbário Professor Francisco José de Abreu Matos (HUVA). Para a investigação das potencialidades das espécies estudadas foram realizadas entrevistas junto aos moradores da Comunidade de Cachoeira. As espécies foram enquadradas em cinco categorias: alimentícia, forrageira, madeireira, medicinal e ornamental. Foram registradas 45 espécies distribuídas em 42 gêneros e 31 famílias botânicas. As famílias com maior representatividade foram Fabaceae com nove espécies (20%), Apocynaceae com três espécies (9%), Bignoniaceae e Euphorbiaceae com duas espécies cada uma (5% para cada família). O potencial mais citado para as espécies listadas para a Trilha do Cachoeirão foi o medicinal (40%), seguido do ornamental (22%), alimentício (16%), madeireiro (16%) e forrageiro (6%). Os dados obtidos evidenciaram uma significativa diversidade florística na área de estudo, com considerável potencialidade econômica e cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bioma caatinga, Diversidade, Etnobotânica, Semiárido.

### SURVEY AND POTENTIAL USE OF THE FLORA OF “TRILHA DO CACHOEIRÃO”, GRAÇA, CEARÁ, BRAZIL

#### ABSTRACT

The state of Ceará has a vegetation complex with a predominance the caatinga. In dispersed saws in backwoods depression there humid forest, characterized by floristic composition and particular structures. The Trilha do Cachoeirão is situated in

the municipality of Graça, northwest of the state of Ceará. This study aimed to recognize the floristic diversity, and potential use of species from Trilha do Cachoeirão aiming to rescue the traditional knowledge of flora. For the floristic survey were collected botanical material from February 2012 to June 2013, following usual technics in taxonomy. The material collected was herborized and incorporated the collection of the Herbarium Professor Francisco José de Abreu Matos – HUVA. For the investigation of the potential of the species studied interviews were conducted with residents of the community of Cachoeira. The species were grouped into five categories: alimentary, forage, lumberman, medicinal and ornamental. For areas studied were recorded 45 species in 42 genera and 31 botanical families. The families with greater representation were Fabaceae with nine species (20%), Apocynaceae with three species (9%), Bignoniaceae and Euphorbiaceae with two species each one (5% for each family). The most cited potential for the listed species for a Trilha do Cachoeirão was medicinal (40%), followed by ornamental (22%), alimentary (16%), lumberman (16%) and forage (6%). The data showed a significant floristic diversity for areas studied, with considerable economic and cultural potential. **KEYWORDS:** Diversity, Ethnobotany, Semiarid, Biome Caatinga.

## INTRODUÇÃO

No Ceará a cobertura vegetal é rica em diversidade e pode ser dividida em onze tipos de unidades fitoecológicas: Complexo Vegetacional da Zona Litorânea; Floresta Subperenifólia Tropical Plúvio-Nebular (Matas úmidas); Floresta Subcaducifólia Tropical Pluvial (Matas secas); Floresta Caducifólia Espinhosa (Caatinga arbórea); Caatinga Arbustiva Densa; Caatinga Arbustiva Aberta; Carrasco; Floresta Perenifólia Paludosa Marítima; Floresta Mista Dicótilo-Palmácea (mata ciliar com carnaúba e dicotiledôneas); Floresta Subcaducifólia Tropical Xeromorfa (Cerradão) e Cerrado (IPECE, 2007a). Dentre essas unidades fitoecológicas, a Caatinga destaca-se como a mais representativa no Ceará (BRASIL, 2000).

O Bioma Caatinga ocupa uma extensa área, estimada em cerca de 850.000 km<sup>2</sup>, correspondendo à maior parte da região semiárida do Nordeste brasileiro, estendendo-se desde cerca de 02°50'S em seu limite norte, nos estados do Ceará e Rio Grande do Norte, a cerca de 17°20'S no Norte do Estado de Minas Gerais (QUEIROZ, 2009).

No entanto, em pequenas serras dispersas na depressão sertaneja nordestina, existem áreas onde o clima é mais úmido do que o encontrado na Caatinga. Nestas áreas existem florestas úmidas, também denominadas de “brejos de altitude” ou simplesmente de “brejos”, principalmente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Alagoas, caracterizados por composições florísticas e estruturas particulares (GIULIETTI & QUEIROZ, 2006).

A crescente demanda da produção de alimentos e outros produtos oriundos dos vegetais aumenta a modificação das áreas de vegetação nativa, e muitas espécies vegetais são ameaçadas sem que ao menos sejam reconhecidas suas existências e seus potenciais.

Pesquisas etnobotânicas apontam os aspectos positivos e negativos da intervenção humana nas comunidades vegetais, tanto em relação à estrutura, evolução e biologia de determinadas populações de plantas, como também, promovendo e beneficiando o manejo adequado desses recursos (ALBUQUERQUE & ANDRADE, 2002).

Embora pesquisas sobre o potencial das espécies vegetais venham sendo desenvolvidas com mais frequência nos últimos anos, a maior parte do conhecimento em relação à utilidade de plantas nativas se refere à Floresta Amazônica, por sua notoriedade mundial (NEGRELLE & FORNAZZARI, 2006). Para o Estado do Ceará, BRAGA (1976) através da obra Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará, apresenta descrições e potencialidades da flora. Entretanto, pouco ainda se sabe sobre a relação das comunidades de outras regiões com os recursos ofertados pelas unidades vegetacionais em que estão inseridas.

O conhecimento tradicional sobre o uso das plantas é amplo e a valorização deste deve existir, pois pode constituir além da base para sobrevivência humana, base para o uso consciente dos recursos vegetais. A sustentabilidade necessária para que ocorra o desenvolvimento de um país requer planejamento sistemático de conservação. Para isso, informações precisas sobre a distribuição das espécies são fundamentais (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, 2009). O levantamento da flora associado à etnobotânica constitui uma importante ferramenta para o planejamento de ações que contribuam para a sustentabilidade dos recursos vegetais cearenses.

Neste contexto o presente estudo objetivou reconhecer a diversidade florística e as potencialidades de uso das espécies da Trilha do Cachoeirão, Graça-CE, visando resgatar e ampliar o conhecimento tradicional da flora local.

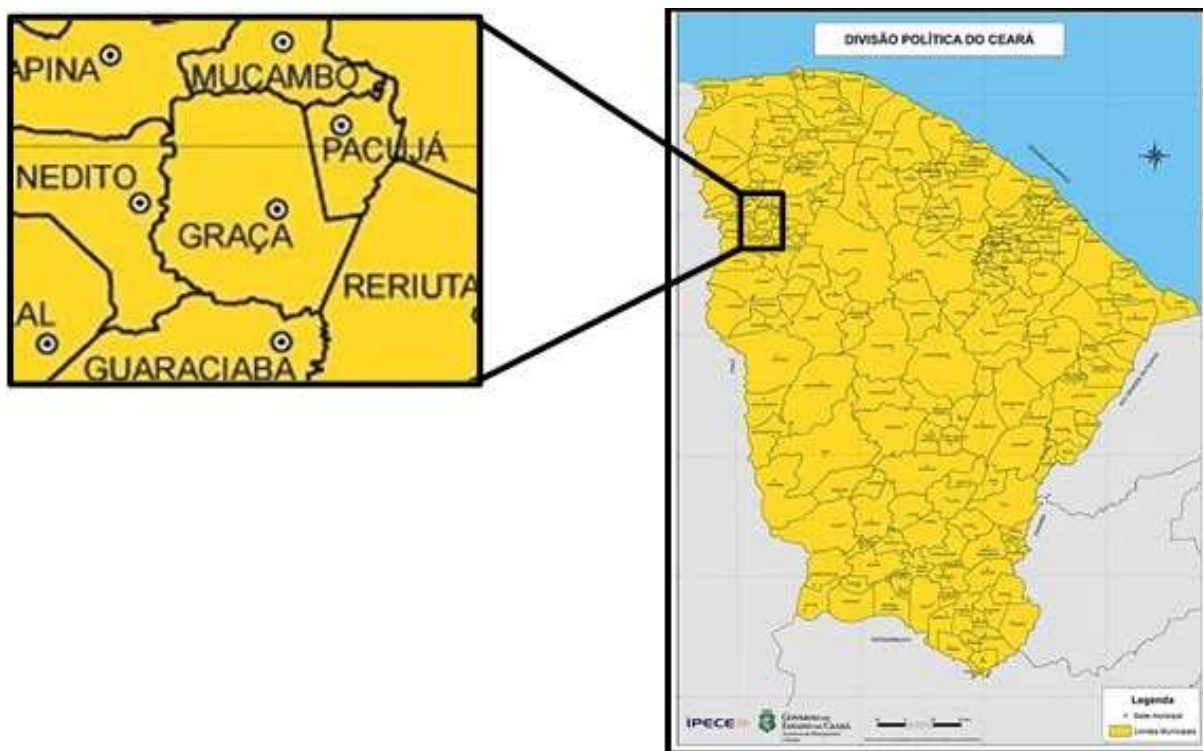
## **MATERIAL E MÉTODOS**

### **Área de estudo**

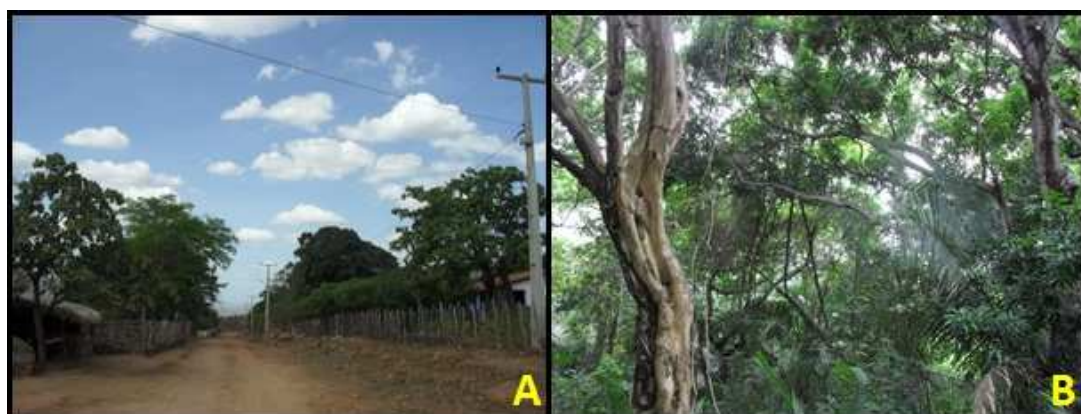
O município de Graça está situado na região noroeste do Ceará e possui características de um clima tropical subquente úmido e tropical quente úmido, com temperatura entre 26°C a 30°C, onde predomina a vegetação de Caatinga Arbustiva Aberta, Floresta Caducifólia Espinhosa, Floresta Subcaducifólia Tropical Pluvial e Floresta Subperenifólia Tropical Pluvio-Nebular. Engloba em sua área uma porção da Serra da Ibiapaba e porções da depressão sertaneja (GATTO & MOREIRA, 1981).

Graça tem pluviosidade anual de 1.507,2 mm e limites com os municípios de Pacujá, Mucambo, Ibiapina, São Benedito, Guaraciaba do Norte e Reriutaba (IPECE, 2012b).

A comunidade de Cachoeira está situada a 5 km da sede do município de Graça e abriga a Trilha do Cachoeirão, área de estudo (Figura 2). As principais atividades econômicas desenvolvidas pelos moradores são agricultura, pecuária e comércio.



**FIGURA 1** - Mapa de localização do Município de Graça no Estado do Ceará (Fonte: IPECE, 2007).



**FIGURA 2**- Comunidade de Cachoeira, Graça-CE. A. Vista da parte central da comunidade; B. Trilha do Cachoeirão, área de estudo.

### **Procedimentos metodológicos**

Para a realização do levantamento florístico foram realizadas coletas periódicas bimestrais na área de estudo no período de fevereiro de 2012 a junho de 2013. As amostras de material botânico em estágio reprodutivo foram coletadas, prensadas e encaminhadas ao Herbário Professor Francisco José de Abreu Matos (HUVA) da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, para desidratação em



estufa artesanal por um período de 24 a 72 horas. As coletas foram realizadas seguindo métodos usuais da taxonomia (MORI et al., 1989).

Para obtenção de informações sobre o uso das espécies vegetais listadas para a área de estudo, executou-se pesquisa envolvendo entrevistas junto à comunidade alvo. A coleta de dados foi realizada no mês de novembro de 2013.

A abordagem feita aos entrevistados ocorreu em forma de diálogo. Foram entrevistadas 30 pessoas, 19 homens e 11 mulheres com idade variando de 42 a 80 anos. A duração de cada entrevista variou de acordo com cada entrevistado e dependia da disponibilidade de cada um, mas no geral acontecia em 30 minutos. Todas as entrevistas realizadas envolveram além da pessoa foco da entrevista, membros da família presentes no momento. As espécies vegetais foram separadas de acordo com as utilidades citadas pelos entrevistados em cinco categorias de uso: alimentícia, forrageira, madeireira, medicinal e ornamental. Para a indicação das espécies mais importantes foi considerado o grau de consenso entre as respostas dos informantes.

Foram realizadas também pesquisas bibliográficas (BRAGA, 1976; MAIA, 2004) para obtenção de dados relacionados ao potencial de uso das espécies. A identificação das espécies foi efetuada através da literatura especializada e de chaves analíticas (SOUZA & LORENZI, 2008), além da comparação com materiais depositados no HUVA. As grafias dos nomes científicos e autores foram verificadas no site Lista de Espécies da Flora do Brasil ([floradobrasil.jbrj.gov.br](http://floradobrasil.jbrj.gov.br)). O material coletado foi herborizado e incorporado no HUVA.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Levantamento florístico

Foram registradas 45 espécies distribuídas em 42 gêneros, pertencentes a 31 famílias botânicas (Quadro 1).

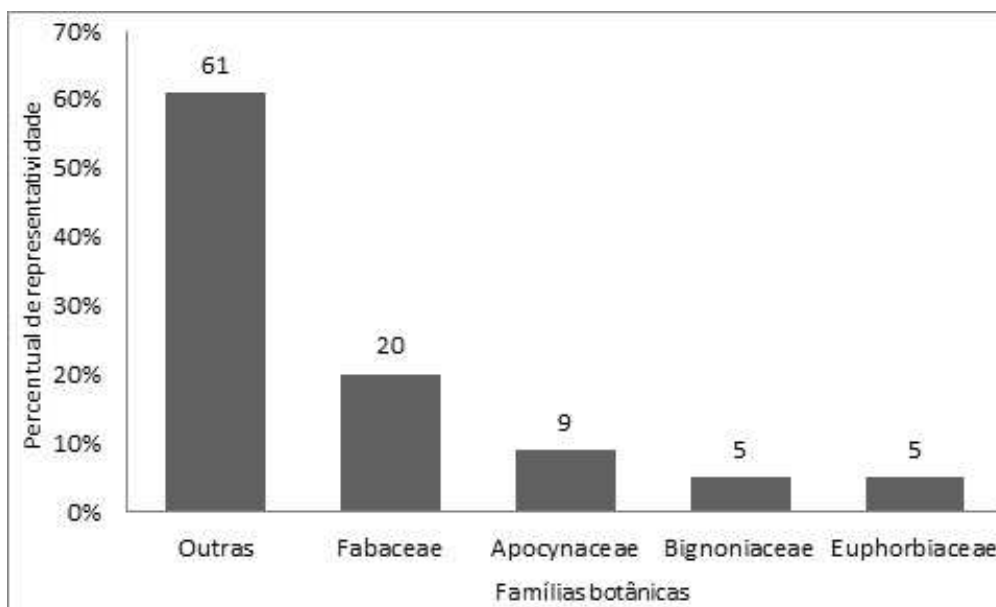
**QUADRO 1-** Lista das espécies ocorrentes na Trilha do Cachoeirão, citadas como úteis, ordenadas por ordem alfabética de famílias botânicas (Usos: Al-alimentícia, Fo-forrageira, Ma-madeireira, Me-medicinal, Or-ornamental).

FAMÍLIA Espécies	Nome Popular	Voucher	Potencial	
			Comunidade	Literatura
<b>ACANTHACEAE</b>				
<i>Ruellia paniculata</i> L.	Melosa	M.E.A.Silva 160	Me	Or
<b>AMARYLLIDACEAE</b>				
<i>Amaryllis belladonna</i> Linn.	Cebola brava	M.E.A.Silva 59	Or	Me
<b>ANNONACEAE</b>				
<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Araticum	M.E.A.Silva 50	Al, Me	Al, Ma
<b>APOCYNACEAE</b>				
<i>Allamanda blanchetii</i> A. DC.	-	M.E.A.Silva 24	Or	Or
<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Pereiro	M.E.A.Silva 78	Ma, Me	Al, Ma, Me, Or

<i>Mandevilla</i> sp.	-	M.E.A.Silva 85	Or	-
<i>Tabernaemontana laeta</i> Mart.	Grão-de-galo	M.E.A.Silva 253	Fo, Ma, Me	Ma, Me
ARACEAE				
<i>Philodendron acutatum</i> Schott.	-	M.E.A.Silva 256	Or	Or
ASTERACEAE				
<i>Wedelia calycina</i> Rich.	-	M.E.A.Silva 259	Or	Or
BIGNONIACEAE				
<i>Adenocalymma bracteatum</i> (Cham.) DC.	Cipó-de-mel	M.E.A.Silva 188	Fo, Me	Or
<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Ipê-roxo	M.E.A.Silva 249	Ma, Me	Ma, Or
BIXACEAE				
<i>Cochlospermum vitifolium</i> (Willd.) Spreng.	Pacotê	M.E.A.Silva 74	Me, Or	Fo, Ma, Me
BROMELIACEAE				
<i>Encholirium spectabile</i> Mart. ex Schult. & Schult.f.	Macambira de flecha	M.E.A.Silva 101	Al	Al, Fo
CHRYSOBALANACEAE				
<i>Licania rígida</i> Benth.	Oiticica	M.E.A.Silva 162	-	Fo, Ma
<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oiti	M.E.A.Silva 253	Al, Ma, Me	Al, Ma
COMBRETACEAE				
<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Mofumbo	M.E.A.Silva 252	Me	Fo, Ma, Me
EUPHORBIACEAE				
<i>Croton sincorensis</i> Mart.	Marmeleiro escuro	M.E.A.Silva 251	Me	Ma, Me
<i>Croton sonderianus</i> Muell. Arg.	Marmeleiro	M.E.A.Silva 254	Me	Fo, Ma, Me
FABACEAE				
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Smith.	Imburana de cheiro	M.E.A.Silva 73	Me	Ma, Me, Fo
<i>Bauhinia forficata</i> Link.	Mororó	M.E.A.Silva 60	-	Fo, Ma
<i>Centrosema sagittatum</i> (Humb. & Bonpl. Ex Willd.) Brandegee	-	M.E.A.Silva 257	-	Or
FABACEAE				
<i>Chloroleucon foliolosum</i> (Benth.) G.P. Lewis	Arapiraca	M.E.A.Silva 158	-	Ma, Me
<i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd.	Ingá	M.E.A.Silva 163	Al	Al, Ma
<i>Phanera radiata</i> (Vell.) Vaz	Cipó-de-escada	M.E.A.Silva 64	Me	Me
<i>Pityrocarpa moniliformis</i> (Benth.) Luckow & R.W.	Catanduva	M.E.A.Silva 255	Ma	Ma
<i>Platymiscium floribundum</i> Vogel	Rabugem	M.E.A.Silva 137	Ma	Ma

<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link.	Mangerioba	M.E.A.Silva 247	Me	Al, Me
HYPERICACEAE				
<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	Lacre	M.E.A.Silva 63	-	Ma, Me
LAMIACEAE				
<i>Amasonia campestris</i> (Aubl.) Moldenke	-	M.E.A.Silva 20	Or	Or
MALPIGHIACEAE				
<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth.	Murici	M.E.A.Silva 56	Al, Ma	Al
MALVACEAE				
<i>Pavonia cancellata</i> (L.) Cav.	-	M.E.A.Silva 250	Or	Or
MORACEAE				
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trecul	Inharé	M.E.A.Silva 83	Ma, Me	Ma
MYRTACEAE				
<i>Marlierea suaveolens</i> Cambess.	Sangue-de-negro	M.E.A.Silva 61	Al	Al
OLACACEAE				
<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	M.E.A.Silva 49	Me	Al, Ma, Me
ONAGRACEAE				
<i>Ludwigia hyssopifolia</i> (G. Don.) Exell.	-	M.E.A.Silva 242	Or	Or
OPILIACEAE				
<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers.	Pau-marfim	M.E.A.Silva 56	Ma	Ma, Me
PLANTAGINACEAE				
<i>Angelonia biflora</i> Benth.	-	M.E.A.Silva 241	Or	Or
RUBIACEAE				
<i>Guettarda viburnoides</i> Cham. & Schltdl	-	M.E.A.Silva 258	-	Al
RUTACEAE				
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Limaõzinho	M.E.A.Silva 69	Ma	Ma
SALICACEAE				
<i>Casearia guianensis</i> ( Aubl.) Urb.	-	M.E.A.Silva 71	Me	Me
SAPINDACEAE				
<i>Serjania</i> sp	Mata-fome	M.E.A.Silva 221	Fo	Al
SMILACACEAE				
<i>Smilax japicanga</i> Griseb	-	M.E.A.Silva 87	-	Me
SOLANACEAE				
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	M.E.A.Silva 161	Me	Me
TURNERACEAE				
<i>Turnera subulata</i> Sm.	Chanana	M.E.A.Silva 249	Me	Me
VERBENACEAE				

As famílias com maior riqueza de espécies foram Fabaceae apresentando nove espécies, 20% do total, Apocynaceae com três espécies (9%), Bignoniaceae e Euphorbiaceae com duas espécies cada uma (5% para cada família). As demais famílias botânicas somaram 61%. As famílias botânicas mais representativas em número de espécies estão apresentadas no Gráfico 1.



**GRÁFICO 1** – Percentagem das famílias mais representativas listadas para a Trilha do Cachoeirão, Graça, Ceará, Brasil. (98) estudan ) de altitude na região do Vale do Pajeú, Pernambuco, onde as famílias Fabaceae, Apocynaceae, Bignoniaceae e Euphorbiaceae foram as mais representativas.

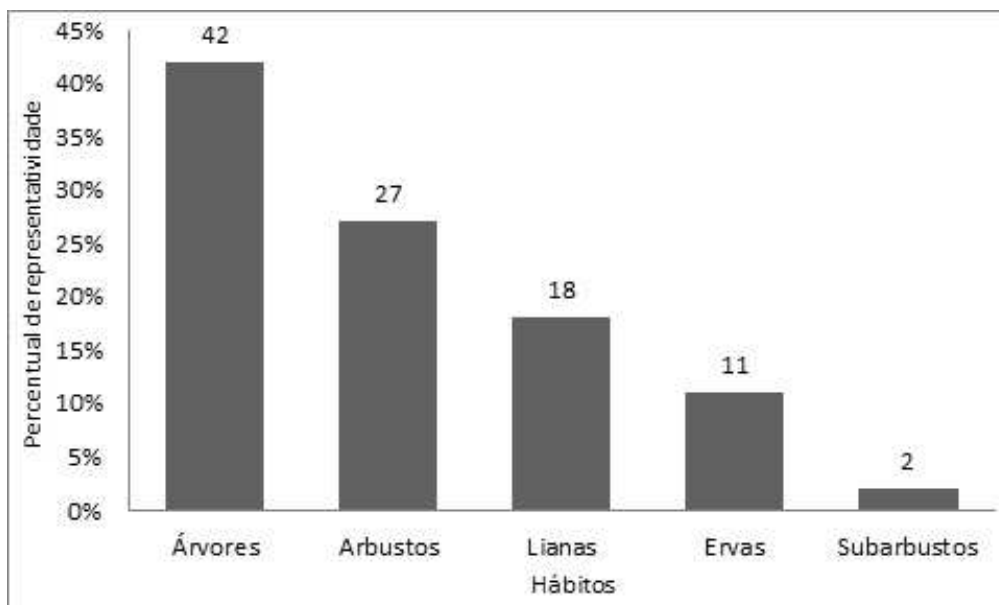
DINIZ & SOUSA (2011), no levantamento florístico e fitossociológico em uma área de transição entre mata úmida e seca no Município de Diorama, região oeste de Goiás, constataram maior representatividade de espécies para a família Fabaceae. LEMOS & MEGURO (2010), ao estudarem a composição florística e fitogeográfica da vegetação da Estação Ecológica de Aiuaba, no Ceará, indicaram Fabaceae o táxon mais representativo. O mesmo foi relatado por GOMES et al., (2006), quando realizaram um levantamento na Chapada de São José, Buíque, no Estado de Pernambuco.

Segundo SOUZA & LORENZI (2008), na maioria dos ecossistemas naturais brasileiros Fabaceae está incluída entre as principais famílias. A apresentação da família Fabaceae como uma das mais representativas em resultados de muitos levantamentos florísticos realizados, pode ser explicada pelo fato desta constituir um dos principais grupos de plantas entre as fanerógamas.

As 45 espécies observadas apresentaram porte arbóreo, arbustivo, subarbustivo, herbáceo e liana. O hábito mais representativo foi o arbóreo com 42% do total de espécies, seguido do arbustivo (27%), Liana (18%), herbáceo (11%) e subarbustivo (2%). As árvores e os arbustos apresentaram-se em maior número no interior da mata, enquanto subarbustos, lianas e herbáceas ficaram mais restritas às



áreas de bordas e margens de cursos d'água. A representatividade das formas de vida para as espécies estudadas está apresentada no Gráfico 2.



**GRÁFICO 2** – Percentagem de representatividade de espécies de ocorrência na Trilha do Cachoeirão, Graça-CE, agrupadas por hábito.

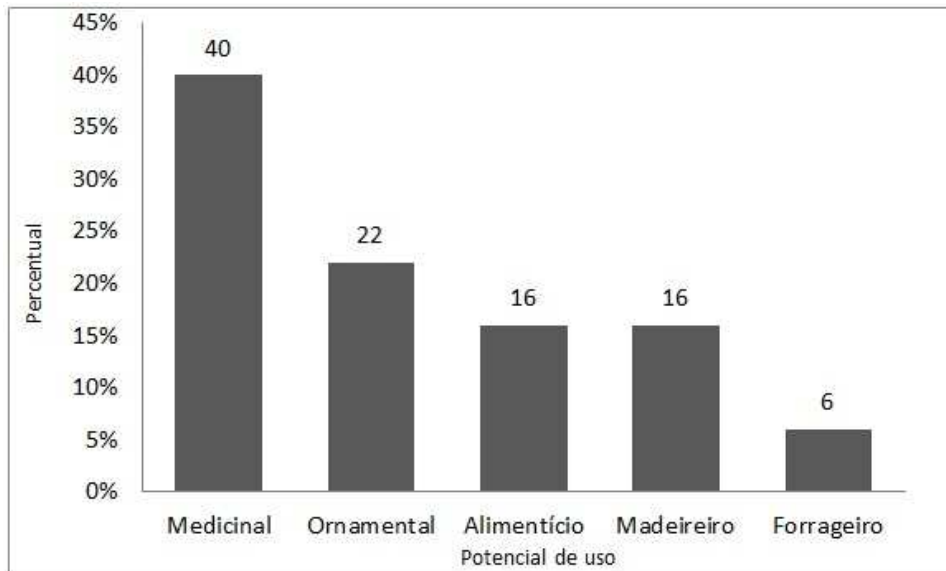
Foram registradas algumas espécies endêmicas do Brasil conforme pesquisa no site Lista de Espécies da Flora do Brasil, como por exemplo, *Allamanda blanchetii* A. DC., *Angelonia biflora* Benth., *Casearia guianensis* (Aubl.) Urb., *Croton sincorensis* Mart., *Croton sonderianus* Muell. Arg., *Encholirium spectabile* Mart. ex Schult. & Schult.f., *Guettarda viburnoides* Cham. & Schtdl, *Licania rigida* Benth., *Licania tomentosa* (Benth.) Fritsch, *Marlierea suaveolens* Cambess., *Phanera radiata* (Vell.) Vaz, *Platymiscium floribundum* Vogel, *Smilax japicanga* Griseb. e *Tabernaemontana laeta* Mart.



**FIGURA 3** - Espécies ocorrentes na Trilha do Cachoeirão, Graça, Ceará, Brasil. A. *Amburana cearensis* (Allemão) A.C. Smith.; B. *Combretum leprosum* Mart.; C. *Philodendron acutatum* Schott.; D. *Lantana camara* L.; E. *Inga laurina* (Sw.) Willd.; F. *Marlierea suaveolens* Cambess.; G. *Chloroleucon foliolosum* (Benth.) G.P. Lewis; H. *Adenocalymma bracteatum* (Cham.) DC.

### Potencial de uso das espécies

O uso aplicado à vegetação da Trilha do Cachoeirão que mais se destacou foi o medicinal, apresentando dezoito espécies (40%), seguido do ornamental (22%), do alimentício (16%), do madeireiro (16%) e do forrageiro (6%). O Gráfico 3 apresenta o percentual de representatividade dos potenciais de uso aplicados às espécies estudadas.



**GRÁFICO 3** – Percentagem de representatividade dos potenciais de uso das espécies estudadas.

Resultado semelhante foi apresentado por ROQUE (2009) quando estudou o potencial de uso dos recursos vegetais em uma comunidade rural do semiárido do Rio Grande do Norte e apresentou Fabaceae como sendo a família mais representativa, e o potencial medicinal como o que se sobressaiu. No estudo do perfil etnobotânico e conservacionista das comunidades do entorno da Reserva Natural de Serra das Almas, Ceará-Piauí, MAGALHÃES (2006) constatou que o potencial medicinal foi o mais citado pelos participantes da pesquisa. *Combretum leprosum* Mart. (mofumbo), *Croton sonderianus* Muell. Arg. (marmeleiro), *Amburana cearensis* (Allemão) A.C. Smith. (imburana) e *Ximenia americana* L. (ameixa) foram citadas por todos os entrevistados como medicinais, o que representa unanimidade quanto aos seus efeitos curativos e a conservação da tradição da utilização de plantas medicinais

A categoria ornamental agrupou dez espécies e os moradores locais afirmaram apreciar a presença de nativas para alegrar ambientes, como exemplo, *Philodendron acutatum* Schott. e *Lantana camara* L. Para HEIDEN et al., (2006) o uso de espécies nativas para ornamentação colabora para a preservação da flora local, é capaz de reforçar identidades regionais.

No presente estudo a categoria alimentícia foi citada para sete espécies. Algumas espécies como *Annona crassiflora* Mart. (araticum), *Inga laurina* (Sw.) Willd. (ingá), *Marlierea suaveolens* Cambess. (sangue-de-negro) e *Licania tomentosa* (Benth.) Fritsch (oiti) se destacaram quanto ao aproveitamento na alimentação humana. Os entrevistados relataram que a prática do uso de espécies nativas para alimentação é ocasional entre os adultos, mas é comum entre as crianças que fazem por diversão. Segundo BRACK et al., (2007) a desinformação sobre a existência e

importância de nossas espécies vegetais nativas impede a incorporação da biodiversidade ao nosso modelo econômico, aumentando as ameaças de extinção.

Foram registradas sete espécies como madeiras. Os usos mais mencionados foram produção de cercas, cadeiras e madeira para cobertura de casas. *Aspidosperma pyriforme* Mart. (pereiro) e *Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos (ipê-roxo) foram as espécies mais citadas como madeiras pelos moradores de Cachoeira. Também foram apontadas *Agonandra brasiliensis* Miers ex Benth. & Hook. f. (pau-marfim), *Byrsonima crassifolia* (L.) Kunth. (murici) e *Brosimum gaudichaudii* Trecul (inharé) para extração de madeira, resultado que assemelha-se ao obtido pelo MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO DO BRASIL (2001) quando realizou a caracterização florística e potencial de uso das espécies vasculares ocorrentes na Fazenda Trijunção, Bahia e apresentaram as mesmas espécies na categoria madeira. A madeira fornecida pelas espécies nativas supriu e ainda supre as necessidades do povo de Cachoeira.

Para a categoria forrageira foram indicadas três espécies. *Adenocalymma bracteatum* (Cham.) DC. (cipó-de-mel) e *Chloroleucon foliolosum* (Benth.) G.P. Lewis (arapiraca) foram ditas como forrageiras na Comunidade de Cachoeira. Segundo os entrevistados não há valorização de espécies nativas forrageiras pelos moradores da comunidade. Para ALBUQUERQUE & ANDRADE (2002) no geral, estratégias como a experimentação de plantas forrageiras nativas podem ser desenvolvidas por pessoas que habitam regiões semiáridas para suprir as necessidades dos animais.

Foi observado que algumas espécies apresentaram mais de um potencial de uso. É o caso de *Annona crassiflora* Mart., *Allamanda blanchetii* A. DC., *Tabernaemontana laeta* Mart., *Adenocalymma bracteatum* (Cham.) DC., *Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos, *Cochlospermum vitifolium* (Willd.) Spreng., *Licania tomentosa* (Benth.) Fritsch, *Byrsonima crassifolia* (L.) Kunth. e *Brosimum gaudichaudii* Trecul.



**FIGURA 4** - Fotos de algumas formas de uso do potencial madeireiro das espécies da Trilha do Cachoeirão. A-C. Utilização do potencial madeireiro de *Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos; D-F. Exploração da madeira de *Aspidosperma pyriforme* Mart.



## CONCLUSÃO

Na presente pesquisa foi evidenciada uma vegetação constituída por um estrato arbóreo bem definido e a presença de lianas, ervas, subarbustos e arbustos na Trilha do Cachoeirão.

Fabaceae destacou-se quanto à representatividade em número de espécies. A forma de vida arbórea foi a que se destacou na área de estudo e um considerável endemismo específico foi registrado.

Para as espécies registradas neste estudo foram listados potenciais medicinal, alimentício, madeireiro, forrageiro e ornamental. A categoria medicinal foi a mais representativa.

A listagem das espécies utilizadas pela comunidade apresenta significativa potencialidade econômica e cultural, demonstrando uma dependência relativa dos recursos vegetais localmente disponíveis para a população. Dessa forma, foi enfatizada a necessidade do desenvolvimento de ações que favoreçam a utilização sustentável dos recursos através do manejo adequado destes.

O reconhecimento e a atenção dispensada às formas de uso locais são fundamentais para ampliar a sensibilidade ambiental e impulsionar a conservação.

Programas de Educação Ambiental envolvendo detentores do conhecimento etnobotânico na comunidade, que orientem as pessoas sobre a correta utilização dos recursos vegetais nativos são iniciativas essenciais de conservação e manejo da flora local.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C. Uso dos recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Revista Interciência**, v. 27, nº 7, p. 336-346, 2002.

BRACK, P.; KINUPP, V.F.; SOBRAL, M.E.G.; Levantamento preliminar de espécies frutíferas de árvores e arbustos nativos com uso atual ou potencial do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Agroecologia**, vol. 2, nº 1, 2007.

BRAGA, R. **Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará**. Fortaleza: Escola Superior de Agricultura de Mossoró, 1976. 540p.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Caracterização florística e potencial de uso das espécies vasculares ocorrentes nas Fazendas Trijunção, BA**. Planaltina, DF, 2001. 48p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente/PNMA II. **Diagnóstico da Gestão Ambiental nas Unidades da Federação – Ceará**. Fortaleza, 2000. 113p.

DINIZ, V.S.S.; SOUSA, T.D. Levantamento florístico e fitossociológico de mata seca semidecídua em área de reserva legal do Município de Diorama, Região Oeste de Goiás, Brasil. **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 7, n. 12, p. 1-17, 2011.

FERRAZ, E.M.N.; RODAL, M.J.N.; SAMPAIO, E.V.S.B.; PEREIRA, R.C.A. Composição florística em trechos de vegetação de caatinga e brejo de altitude na

região do Vale do Pajeú, Pernambuco. **Revista Brasileira de Botânica**, São Paulo, v.21, n.1, 1998.

GATTO, L.M.S.; MOREIRA, M.M.M.A. Geomorfologia. *In*: **Projeto Radan Brasil**, Rio de Janeiro, 1981.

GIULIETTI, A.M.; QUEIROZ, L.P. **Diversidade e caracterização das fanerógamas do semiárido brasileiro**. Recife: Associação Plantas do Nordeste, 2006. 488p.

GOMES, A. P.; RODAL, M. J. N.; MELO, A. L. Florística e fitogeografia da vegetação arbustiva subcaducifólia da Chapada de São José, Buíque, PE, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. v. 20, n.1, p. 37-48, 2006.

HEIDEN, G.; BARBIERI, R.L.; STUMPF, E.R.T. Considerações sobre o uso de plantas ornamentais nativas. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, vol. 12, nº 1, p. 2-7, 2006.

IPECE. **Caracterização territorial**. Fortaleza, a2007. Disponível em: <[www.ipece.ce.gov.br/atlas](http://www.ipece.ce.gov.br/atlas)>. Acesso em: 14 out. 2013.

IPECE. **Perfil Básico Municipal de Graça**. Fortaleza, b2012. Disponível em: <[www.ipece.ce.gov.br](http://www.ipece.ce.gov.br)>. Acesso em: 21 out. 2013.

LEMONS, J.R; MEGURO, M. Florística e fitogeografia da vegetação decidual da Estação Ecológica de Aiuaba, Ceará, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, vol. 8, nº 1, p. 34-43, 2010.

LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL 2013. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2013>>. Acesso em: 14 out. 2013.

MAGALHÃES, A. **Perfil etnobotânico e conservacionista das comunidades do entorno da Reserva Natural Serra das Almas, Ceará-Piau, Brasil**. 2006. 68f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente/PRODEMA) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

MAIA, G. N. **Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades**. São Paulo: Leitura e Arte, 2004. 413p.

MORI, S.A.; SILVA, L.A.M.; LISBOA, G. **Manual de manejo de herbário fanerogâmico**. Ilhéus. Centro de Pesquisas do Cacau, Ilhéus, 1989. 103p.

NEGRELLE, R.R.B.; FORNAZZARI, K.R.C. Estudo etnobotânico em duas comunidades rurais (Limeira e Ribeirão Grande) de Guatuba (Paraná, Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 9, n. 2, p. 36-54, 2007.

QUEIROZ, L.P. **Leguminosas da Caatinga**. Feira de Santana: Multimídia Indústria, Comércio e Editora Ltda, 2009. 443p.

ROQUE, A.A. **Potencial de uso dos recursos vegetais em uma comunidade rural do semiárido do Rio Grande do Norte**. 2009. 79f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente/PRODEMA) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

SAMPAIO, E.V.S.B.; SAMPAIO, Y. Preservação da vegetação nativa, especialmente da caatinga: custos e responsabilidades. Disponível em: <<http://www.sead.ce.gov.br/diario/ultimasedicoes/hist/20040604p01.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

SOUZA, V.C.; LORENZI, H. **Botânica sistemática**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008. 703p.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. **Plantas raras do Brasil**. Minas Gerais, 2009. 495p.